

## Amamentação: O Papel Essencial Da Enfermagem Na Jornada Materno-Infantil

Matheus Gomes da Costa<sup>1</sup>, Iara Regina Silva Pinto<sup>2</sup>,  
Wyllma Rodrigues dos Santos Brito<sup>3</sup>, Vitor Emanuel Sousa da Silva<sup>4</sup>,  
Bruno da Silva Marques<sup>5</sup>, Jociel dos Santos Oliveira<sup>6</sup>,  
Tayelle Cristina de Souza Takamatsu<sup>7</sup>, Eliza Maria Souza Antunes<sup>8</sup>,  
Eliana Campêlo Lago<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Mestrando em Biodiversidade, Ambiente e Saúde – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

<sup>2</sup> Graduação em Enfermagem – Universidade Federal do Piauí/UFPI

<sup>3</sup> Bacharel em Enfermagem – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

<sup>4</sup> Bacharel em Enfermagem / Mestrando em Biodiversidade, Ambiente e Saúde – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

<sup>5</sup> Graduado em Ciências Biológicas Licenciatura – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de Duque Bacelar – MA

<sup>7</sup> Hospital e Maternidade Dr. Gileno de Sá Oliveira

<sup>8</sup> Acadêmica em Enfermagem – Universidade Nilton Lins

<sup>9</sup> Professora Adjunta IV – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

---

### Abstract:

*Pregnancy is a period of significant changes in a woman's life, involving contradictory feelings of fear, joy and insecurity. Pregnancy is linked to the sociocultural reality, interpersonal relationships and economic situation of the woman, which can affect the bond with the baby and the breastfeeding process. Breast milk is recognized as a complete and essential food in the first six months of a baby's life, providing nutrients, water and protection against infections. Furthermore, the act of breastfeeding promotes the emotional bond between mother and child. However, breastfeeding can be complex due to psychosocial factors and requires the support of health professionals, especially nurses, who play a crucial role in promoting, guiding and helping mothers during this process. The research highlights the importance of training nurses to assist in breastfeeding, offering guidance and answers to mothers' questions. Awareness of the benefits of breastfeeding should begin during prenatal care, and health professionals should identify and intervene in situations that may make breastfeeding difficult. The research was conducted through an integrative literature review, using databases such as MEDLINE, LILACS and SciELO. The study focuses on the importance of breastfeeding, preventive actions and the role of nursing in supporting breastfeeding, contributing to the promotion of maternal and child health and the reduction of infant morbidity and mortality.*

**Key Word:** Breast-feeding. Gestation. Maternal and infant..

---

Date of Submission: 02-09-2023

Date of Acceptance: 12-09-2023

---

### I. Introdução

A gravidez é um algo tão esperado, e que apresenta mudanças importantes para a mulher na sociedade, gerando sentimentos inexplicáveis. Neste sentido, a gestação pode vir acarretada de medos, inseguranças e temores, misturando-se ao sentimento de alegria, realização e satisfação e contentamento. Esses sentimentos diante da gestação podem ser algo na mulher e estão relacionados a sua realidade sociocultural, às relações interpessoais e familiares e situações econômica, podem interferir, inclusive, no vínculo do bebe, e posteriormente no processo de aleitamento materno (ALMEIDA, 2010).

O leite materno tem um papel importância para a saúde das crianças nos seis primeiros meses de vida. Constitui um alimento completo que fornece inclusive água, como mecanismo de proteção contra infecções inerentes da infância, isento de contaminação e perfeitamente adequado ao metabolismo da criança. Além do mais, o ato de amamentar é importante para o vínculo afetiva entre mãe e filho (BRASIL, 2002).

Diversos estudos demonstram a percepção da mulher-mãe-lactante sobre o ato de amamentar mostrando a complexidade desse ato uma vez que envolvem inúmeros fatores, principalmente os psicossociais. Visando

assim exclusivamente, a necessidade da capacitação do enfermeiro para atuar na assistência em amamentação numa proteção que vai além do biológico, compreendendo o papel das mães, promover benefícios da mãe, em todas as dimensões de ser mulher (ARAÚJO; ALMEIDA, 2007).

Os benefícios do aleitamento materno são muitos, no entanto, existem muitas situações para que esse processo ocorra de forma correta. Segundo o Ministério da Saúde, é importante que o enfermeiro acompanhe a mãe e informe sobre os questionamentos mais frequentes que podem surgir na hora da amamentação (BRASIL, 2006).

Em diferentes culturas as mães naturalmente amamentam; e outras, decidem se irão amamentar ou não antes mesmo do nascimento de seu filho. É importante que os profissionais da saúde orientam as mulheres em relação ao aleitamento materno logo no início da gestação, ou seja, ao saber da gestação, e que identifiquem progenitoras e bebês que podem estar correndo risco de enfrentar dificuldades no aleitamento materno. Precisamos ter sensibilidade e estar atentos para identificar agir diante de tais situações. Entretanto, o conhecimento do enfermeiro pode influenciar esse processo (CARRASCOZA, 2005).

Não basta a mulher ter informações equivocadas das vantagens do aleitamento materno e optar por esta prática. Para levar adiante a sua opção, ela precisa estar inserida em um ambiente favorável a amamentação e contar com o apoio da equipe da saúde por um profissional habilitado e ajudá-la necessário (GIUGLIANI; LAMOUNIER, 2004).

Trabalhos e conhecimento do enfermeiro e sua equipe, nessa área, é possível de ser realizado, e traz para essa categoria o reconhecimento de um profissional liberal, com conhecimento científico, validado em seus referenciais teórico metodológico, e principalmente, no potencial de uma profissão que esta encontrando os seus caminhos, descobrindo os seus desafios e suas estratégias para alcançar metas cada vez mais ousada e profissionais (SILVA, 2000).

Segundo Almeida, Fernandes e Araújo (2004) o enfermeiro deve identificar durante o pré-natal os conhecimentos, a experiência prática, as crenças e a convivência com a família da gestante com a finalidade de promover a saúde para o aleitamento.

Portanto, o enfermeiro deve estar bem atento no momento do parto e após o parto ajudando as mães nas primeiras mamadas dos recém-nascidos para que o aleitamento materno seja iniciado o mais rápido possível, de preferência após o parto, conforme preconiza a *World Health Organization* (WHO). Ele deve estar disponível observando a pega, a sucção, bem como apto a responder questionamentos quanto ao aleitamento materno e cuidados com o recém-nascido (GIUGLIANI, 2000).

Segundo Barros (2006), o enfermeiro tem a oportunidade de oferecer uma assistência de qualidade, quando passa a assumir o seu papel de orientador, educador, assistindo diretamente a binômio mãe-filho. É seu papel atuar na promoção do aleitamento materno, nas prevenções e complicações, assim como, no tratamento a vida. A sua assistência é fundamental para o início, e sucesso do aleitamento materno.

Diante disso, a pesquisa visa relacionar as ações preventivas do aleitamento materno, além de identificar as medidas preventivas recomendadas para promover o sucesso do aleitamento materno, investigar os impactos da conscientização sobre a não utilização de mamadeiras e chupetas nos primeiros meses na eficácia da amamentação.

## **II. Metodologia**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com carácter de estudo descritivo e abordagem qualitativa, em que foi realizada buscas no sistema da Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS), na qual foram selecionadas as seguintes bases de dados: Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Assim, destaca-se que durante as pesquisas realizadas, foram utilizados os vigentes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Aleitamento materno, Enfermagem, Assistência ao RN.

Com base nisso, destaca-se que para a construção do trabalho foi necessário adotar a estruturação focada em 8 etapas dispostas da seguinte forma: 1) Definição da temática, 2) Elaboração da pergunta norteadora, 3) Definição dos critérios de inclusão e exclusão para o direcionamento das pesquisas a serem realizadas, 4) Definição das bases de dados, para a efetivação das buscas científicas, 5) Seleção dos artigos que se enquadravam no tema, 6) Análise dos estudos na etapa qualitativa final, 7) Interpretação dos dados obtidos e 8) Exposição da abordagem da temática.

## **III. Resultados**

### **A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO PARA O BEBÊ E A MÃE**

A amamentação é, sem dúvidas, um dos principais fatores decididos pela mãe e que favorecem a saúde de seu filho. Converte-se também num gesto de amor. Destaca-se que o leite materno possui todos os nutrientes que o recém-nascido precisa até os seis meses, apresentando-se como o alimento mais adequado, por ser completo,

substituindo naturalmente até o consumo de água. Há outro ponto também importante oriundo do aleitamento, é a função que ele tem de fornecer anticorpos ao recém-nascido, aumentando sua resistência a muitas doenças. Assim, a amamentação até o sexto mês é essencial. As propriedades sensoriais do leite materno permitem o primeiro contato da criança com sabores e odores variados, fazendo com que ela possa ir se habituando à alimentação da família e possibilitando-lhe o aumento da aceitação dos novos alimentos durante a introdução da alimentação complementar. É preciso ressaltar também que “Uma análise de estudos realizados em três continentes concluiu que quando as crianças não eram amamentadas no segundo ano de vida elas tinham uma chance quase duas vezes maior de morrer por doença infecciosa quando comparadas com crianças amamentadas” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2000).

Porém, por distintos motivos, muitos bebês não são amamentados, não recebem este alimento tão importante. É importante ressaltar que não existe leite fraco, sendo que todo leite materno é considerado o alimento mais viável para fortalecer o crescimento do bebê saudavelmente. A função da amamentação vai além de suprir uma necessidade fisiológica do recém-nascido, influencia também de forma significativa na construção da sua afetividade. Os laços criados entre a mãe e o bebê são de dependência e permanentes. Mesmo que alguns afirmem que amamentar seja uma forma de aprisionar a mulher, essa afirmativa não condiz com a realidade. É verdade que, inicialmente, faz-se necessário que a mãe dedique um tempo maior para a amamentação, mas, com o tempo, há uma organização que permite que ela leve uma rotina normal. A amamentação dá oportunidade às mães de se realizarem de forma integral enquanto mulheres, em todos os contextos, destacando-se que a sexualidade feminina é dada como concluída por meio da amamentação. Segundo Gallo (2008), a amamentação resulta em benefícios para a saúde reprodutiva da mulher. Sua prática frequente e com mamadas duradouras contribui para preservar a saúde materna ao ampliar o espaçamento entre gestações e partos. Outras vantagens e proteger a mulher contra as neoplasias de mama e de ovários. A involução uterina mais rápida quando se amamenta, diminui os sangramentos pós-parto e favorece o retorno do peso pré-gestacional mais precocemente.

Os pediatras recomendam insistentemente que as mães amamentem e ressaltam a importância desse ato, tendo em vista as muitas vantagens do aleitamento materno. Há uma praticidade no aleitamento materno, tendo em vista que ele está sempre à disposição da criança, como também mantém a temperatura ideal. Não precisa de muitas ferramentas para ser colhido, nem desarruma ou suja o ambiente doméstico. É encontrado facilmente, sem a necessidade, por exemplo, de sair à noite ou de madrugada pelas farmácias. Além da gratuidade do leite, ele é o único alimento de que o bebê precisa nos primeiros seis meses. O não cumprimento desse tempo de amamentação pode comprometer a saúde do bebê, pois mais de dois terços das mortes infantis estão associadas, muitas vezes, às práticas alimentares inadequadas. Há, ainda, os benefícios dos bebês que mamam, a exemplo da proteção contra determinadas alergias, principalmente respiratórias, entre elas a rinite e a bronquite, também de pele como os eczemas. Do ponto de vista imunológico, o leite materno protege os bebês contra as mais variadas espécies de doenças e também de infecções. Segundo Oliveira (2010), “O desmame precoce pode estar relacionado com o aumento da morbimortalidade infantil, sendo um fator relevante devido a alimentação inapropriada que crianças recebem nos primeiros anos de vida. Cerca de 1,5 milhões de crianças ainda morrem a cada dia devido à sua alimentação. Mais de dois terços das mortes infantis estão associadas, muitas vezes, às práticas alimentares inadequadas”.

Oliveira e Hibiner (2008) dizem que, no contexto do incentivo da amamentação, “O enfermeiro como profissional que atua diretamente com as nutrízes, exerce papel fundamental no incentivo ao aleitamento materno. Apoiando, instruindo, favorecendo a amamentação através de acompanhamento do pré-natal, formação de grupos de gestantes e na promoção de campanhas do aleitamento materno”. Assim, os bebês que mamam adoecem menos e, o mais importante, o índice de mortalidade entre eles é bem menor se comparado aos que não mamam. Diz o autor que, na atualidade, a ciência descobriu que até doenças que degeneram, a exemplo de diabetes e câncer, aparecem com menos frequência em indivíduos que tiveram uma amamentação maior quando eram bebês.

Verifica-se, por meio de pesquisas, que os bebês que consomem leite de vaca contraem mais problemas de alergia respiratória, a citar rinite e bronquite, diarreia também, dentre outras enfermidades. Não se pode esquecer de que o leite em pó nada mais é do que leite de vaca. Neste contexto, ressalta-se, ainda, que as mães que amamentam desenvolvem menos câncer no ovário e no seio. Também são vantagens do aleitamento materno: Protege o bebê das alergias respiratórias (rinite, bronquites) e de pele (eczemas); desenvolve as defesas imunológicas, contra diversos tipos de infecções e doenças; pesquisas comprovam: crianças amamentadas são mais inteligentes; amamentar faz a criança se sentir protegida, segura, nutrida, calma e amada; a sucção no seio garante um desenvolvimento correto dos dentes, arcada dentária e céu da boca do bebê. Facilita também os mecanismos da respiração e fala da criança; o leite está sempre pronto, disponível e na temperatura certa; dispensa mamadeiras e todo trabalho que elas dão: lavar, esterilizar e transportar; fora panelas e fogão para limpar. É grátis e não falta nunca; é de ótima qualidade, higiênico e nunca está “vencido”. Giugliani (2000) contribui argumentado: “Além da proteção contra as doenças, o leite materno propicia uma nutrição de alta qualidade para a criança, promovendo o seu crescimento e desenvolvimento. É importante lembrar que as crianças amamentadas podem apresentar um crescimento diferente do das crianças alimentadas artificialmente”.

Amamentação por meio do leite materno vem ganhando muito espaço e é considerado fundamental na diminuição tanto da morbidade quanto da mortalidade infantil. Observa-se que a amamentação varia socialmente de acordo com as manifestações culturais e evolutivas do homem. É preciso que haja maior divulgação sobre a importância da amamentação materna no pré-natal e pós-parto. O tempo de presença no ambiente hospitalar é pequeno, o que faz com que as mulheres tenham pouco acesso às informações e ao acompanhamento acerca do aleitamento materno. O sistema de alojamento conjunto tem demonstrado ser instrumento de grande utilidade para estimular o aleitamento materno. As unidades médicos-assistenciais integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS), que esse sistema proporciona tanto para o trinômio, mãe-pai-filho, como para a que adota, mas especificamente a equipe multiprofissional encontra-se sensibilizados para esse sistema tendo cada profissional uma atribuição pré-determinada, tendo como objetivo direcionar a assistência do trinômio mãe-filho-pai, e quais são os objetivos a participação daquele que é cuidado, no caso a mãe. Neste contexto, Brasil destacam-se ações de cada membro para fortalecer o aleitamento materno: Incentivar o aleitamento materno; estreitar o relacionamento mãe-pai-filho; permitir que os pais recebam orientações durante a internação, que os tornem capazes de cuidar no seu domicílio; reduzir a incidência da infecção hospitalar. O Ministério da Saúde utiliza as mesmas categorias de AM sugeridas pela OMS, assim definidas: *Aleitamento materno exclusivo* – quando a criança recebe somente leite materno, diretamente da mama ou extraído, e nenhum outro líquido ou sólido, com exceção de gotas ou xaropes de vitaminas, minerais e / ou medicamentos. *Aleitamento materno predominante* – quando o lactente recebe, além do leite materno, água ou bebidas à base de água, como sucos de frutas e chás. *Aleitamento materno* – quando a criança recebe leite materno, diretamente do seio ou extraído, independentemente de estar recebendo qualquer alimento ou líquido, incluindo leite não-humano. O leite materno é o alimento que supre todas as necessidades nutricionais para o lactente menor de seis meses. Devido as suas características físico-químicas, é facilmente absorvido e digerido, facilitando na eliminação do mecônio; diminui o risco de icterícia; protege contra infecções, especialmente diarreias e pneumonias, pela ausência do risco de contaminação das mamadeiras e pela presença de anticorpos e de fatores anti-infecciosos no leite materno. Contém também fatores de crescimento que preparam o intestino imaturo da criança para diferir e absorvê-lo, evitando assim que proteínas não digeridas sejam absorvidas, lesando o intestino e causando alergias (BRASIL, 2003).

Observa-se que nos planos das mães está a amamentação por um período longo e considerado satisfatório, mais do que, de fato, acontece. Estudo recente do Ministério da Saúde com crianças de até 8 meses de idade, mostrou a duração média do aleitamento de aproximadamente 44 dias, o que demonstra baixa duração do aleitamento materno em nosso meio. Observa-se que ainda há uma distância muito grande do que seria considerado ideal, ou seja, a amamentação até os seis meses iniciais de idade do bebê. O que determina a ação de amamentar, sua qualidade e duração é o significado que a mulher atribui a essa experiência. Significado este, determinado pela relação percebida pela mulher, do ato de amamentar com os símbolos representados nos elementos de interação vivenciados por ela em seu contexto. O Ministério da Saúde recomenda que o aleitamento materno seja exclusivo até os seis meses e a partir dessa idade, complementado até

os dois anos. O aleitamento materno constitui-se da interação mãe e bebê, essa interação contribui para o bem estar da nutriz, favorecendo sua saúde física e psíquica, como também auxilia no desenvolvimento nutricional, habilidade física e motora, e prevenindo infecções no bebê (BRASIL, 2009).

## **AS AÇÕES PREVENTIVAS DO ALEITAMENTO MATERNO**

A amamentação é uma das primeiras experiências de nutrição do recém-nascido. Destaca-se que nenhum alimento, mesmo os industrializados possuem os ingredientes necessários ao bebê como o leite materno. O leite materno tem a composição especificamente ajustada à carência da criança, respeitando seu metabolismo e fisiologia. Destaca-se também que não traz custo para o orçamento da família, mesmo que haja um aumento no tempo de amamentação dos recém-nascidos nos últimos 30 anos, e com a ciência dos benefícios do aleitamento materno, o desmame precocemente apresenta-se como algo bastante comum. Observa-se que os dados sobre o tempo de amamentação contrariam os diversos programas eficazes, tanto do governo como não governamentais, que estimulam a amamentação pelo país. Somente 35% dos lactentes inferiores a 4 meses tem amamentação exclusiva, sendo que a largada rápida do aleitamento materno está ligada a problemas de saúde dos recém-nascidos, como a mortalidade infantil, a desnutrição e a diarreia. Assim, destaca-se que as vantagens do am são, na atualidade, amplamente difundidas e a ciência tem contribuído para o seu resgate como prática indispensável na saúde materna e infantil e sua reafirmação como estratégia simplificada na atenção primária para a redução da morbidade e mortalidade infantil. Já o risco de hospitalização por bronquiolite apresenta-se sete vezes maior em crianças amamentadas por menos de um mês (ALBERNAZ, 2003).

Embora a amamentação seja uma das formas mais eficazes de contribuir para melhoria do estado de saúde da criança, das mães, das famílias, do ambiente e da sociedade em geral ainda é muito frequente o abandono precoce do aleitamento materno em nosso cotidiano e para elevar a sua prevalência e duração é necessário o apoio de profissionais de Saúde. A fase entre o nascimento e os dois anos torna-se complicado para promover o tanto o crescimento, como a saúde de forma satisfatória. A amamentação é um instrumento privilegiado que tem o

objetivo de garantir resultados satisfatórios, ajudando nesta fase considerada vulnerável e prevenindo patologias na fase adulta. Para auxiliar essas mães no aleitamento materno o profissional de saúde deve desenvolver uma técnica correta de comunicação e fazer o aconselhamento, que segundo Galvão (2011): “Consiste em escutar a mãe tentar compreendê-la e propor ajuda fazendo com que ela torne sujeito ativo no plano de cuidados a fim auxiliá-la a decidir o que é melhor para si, o que fazer e como lidar com as pressões e aumentar sua autoconfiança”.

São muitos os benefícios para a criança advindos da amamentação, pois se apresenta como a forma mais eficiente de promoção integral do desenvolvimento da criança, tendo em vista que o leite da mãe possui todos os nutrientes que a criança precisa para principiar uma vida com saúde. O leite da mãe é, sem dúvida uma das formas mais eficazes de fortalecer, na criança, a nutrição e, assim, evitar doenças. O leite materno possui a composição perfeita de nutrientes, como também outros que agem como defensores do lactente, a citar imunoglobulinas, fatores anti inflamatórios e imunostimuladores. O leite materno traz em si, componentes que se colocam contra os agentes de infecção, faz também crescer as células da mucosa do intestino, quando aumenta o combate contra as infecções. Os estudos descrevem cerca de 250 mecanismos encontrados no leite da mãe e que protegem o organismo da criança, não se deixando de citar o desenvolvimento do trato gastrointestinal. Destaca-se, neste processo, um ponto importante. Segundo o autor, uma orientação

importante para as mães é de que o leite do início “sacia” a sede e protege o bebê, já o leite do final “engorda” (QUEIROZ, 2005).

Assim, verifica-se que a lactação termina por diminuir o índice e a gravidade tanto de diarreia, botulismo e diversas outras doenças infecciosas e oriundas da respiração, dentre outras. Neste contexto, afirma-se que outros tipos de leites que não sejam o materno deixam maiores os riscos de aparecimento de alergias e outras doenças, quando podem ocorrer lesões no intestino do recém-nascido que ainda demonstra imaturidade. As doenças infecciosas apresentam como mais facilidade a partir das superfícies das mucosas, com destaque para as questões gastrintestinais e respiratórias. Nota-se que é por meio da alimentação e da respiração é que o organismo tem relação com microrganismos doentes, como também substâncias com potencial de alergia e de nocividade. Assim, pode-se afirmar com convicção que crianças que são amamentadas têm menor probabilidade de desenvolver doenças como obesidade, linfomas e leucemias. O aleitamento de forma exclusiva tem o poder de evitar a morte de milhões de recém-nascidos por ano, uma vez que previne doenças que envolvem infecção aguda e crônica, com destaque para as que atacam a respiração e o intestino. Levando em consideração todos os benefícios do aleitamento materno e as defesas que ele possibilita á criança e à mãe, nota-se que as doenças gastrintestinais e doenças respiratórias são as mais comuns nesse período e, também, as mais combatidas pela amamentação. O apoio e o incentivo à amamentação podem vir 50% de suas mães e 20% de sogras. Os demais 30% restantes envolvem irmãs, cunhadas, primas e maridos, demonstrando que as avós representam a maior força dentre os familiares no processo de amamentação (BARREIRA; MACHADO, 2004).

Quanto à mãe, destacam-se fatores importantes a exemplo do restabelecimento mais instantâneo após o parto. Neste período, quando a criança vai sugar o peito, existe a soltura de hormônios que fazem com que o útero se contraia, retornando ao tamanho natural e fazendo diminuir, dessa forma, a perda de sangue. Observa-se que as mães amamentam conseguem retornar ao peso antes da gestação de forma mais rápida, em comparação com as mães que não fizeram o aleitamento. Neste contexto, afirma-se que o processo de acumular leite exige consumo de energia, sendo que, por esse motivo, as mães que fazem o aleitamento passam a queimar mais calorias. Ainda sobre os benefícios para as mães, destaca-se que o aleitamento materno faz reduzir, nas mães, a incidência de câncer de ovário e também de mama. Observa-se que as mães que aumentam por um período considerado longo apresentam um risco menor de contrair as doenças aqui citadas. Outro ponto importante a ser destacado é que “Pelas interrupções de ovulação e proliferações celulares a amamentação inibe a ovulação tornando-se preventiva. Pode-se afirmar que o risco é menor em mulheres que amamentam” (REA, 2004).

## **A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO MATERNO**

O enfermeiro é o profissional que mais estreitamente se relaciona com a mãe neste período, portanto, deve preparar a gestante para o aleitamento, facilitando sua adaptação na fase puerperal, evitando assim dúvidas, dificuldades e possíveis complicações. Assim, destaca-se que o papel da enfermagem é de suma importância no processo de aleitamento materno, que envolve o pré-natal e o pós-parto. Inicialmente, precisa-se da realização de consulta da mãe, com exames específicos, permitindo diagnósticos. A partir daí, o enfermeiro planeja procedimentos para cada dificuldade verificada. O enfermeiro deverá estar próximo durante e após o parto, auxiliando as mães nas primeiras mamadas do recém-nascido, para que o aleitamento materno seja iniciado o mais precoce possível, de preferência imediatamente após o parto. Ele deve estar disponível, observando como está sendo a pega do recém-nascido, e respondendo perguntas quanto ao aleitamento materno e aos cuidados com o recém-nascido. Destaca-se ainda que: “No campo da atenção profissional da enfermagem, em particular, sublinha-se a importância do acompanhamento puerperal, especialmente no que se refere ao apoio necessário à mulher e atenção às suas necessidades” (SOUZA, 2008).

Então, o enfermeiro escreve normas sobre a amamentação, devendo esta ser de conhecimento de todas as pessoas envolvidas nos cuidados de saúde da mãe. Neste contexto, também é função da enfermagem, ou do enfermeiro: Informar todas as gestantes sobre as vantagens e o manejo do aleitamento materno; ajudar as mães a iniciar a amamentação na primeira meia hora após o parto; Mostrar as mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vier a serem separadas de seus filhos; não dar aos recém-nascidos nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno a não ser que seja indicado pelo médico; praticar o alojamento conjunto (permitir que mães e bebês permaneçam juntos 24 horas por dia); encorajar o aleitamento materno sob livre demanda; não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas no peito; encorajar o estabelecimento de grupos de apoio ao aleitamento, para onde as mães deverão ser encaminhadas, por ocasião da alta ou ambulatório. Silva (2000) destaca que “Em outros casos, outra dificuldade enfrentada pelos profissionais reside no fato de compreender os reais motivos pelos quais muitas mulheres deixam de amamentar seus filhos e conseguir atuar junto a essas mulheres na tentativa de intervir nos aspectos que levam à decisão materna de desmame e introdução de outros alimentos na dieta do recém-nascido”.

Ressalta-se que já no início da gravidez, a gestante começa a preparar o seu lado psicológico para receber o bebê, como também para que esse período de maternidade seja tranquilo e, principalmente, com saúde. Nesse período de maternidade, a amamentação torna-se uma das questões mais importantes tanto para a mãe quanto para a criança. Em função da evolução da humanidade na atualidade, o desmame tem acontecido cada vez mais cedo, principalmente quando se considera a necessidade de retorno ao trabalho antes dos seis meses de nascimento do filho. Esse retorno forçado, termina por fazer com que a mãe além de diminuir o aleitamento tenha de introduzir outros alimentos na alimentação do bebê, o que, nesta fase da vida, é sempre um risco para a sua saúde. Neste contexto: “O enfermeiro é o profissional que deve ser capaz de identificar e oportunizar momentos educativos, facilitando a amamentação, o diagnóstico e o tratamento adequados, considerando ser ele capacitado em aleitamento materno, e que poderá atuar junto à população, não somente prestando assistência, mas também na promoção e educação continuada, de forma efetiva” (AMORIM; ANDRADE, 2009).

Esse ponto de licença da mãe de amamentação transformou-se em discussão dentro das políticas públicas, fazendo com que o governo tivesse de sancionar a Lei 11.770, datada de 09 de setembro de 2008, e contida no Programa Empresa Cidadão, diante de concessão de incentivo fiscal, e fazendo alteração na Lei 8.212, datada de 24 de julho de 1991, mudando de 120 para 180 dias, com o intuito de favorecer as mães na amamentação de seus filhos recém-nascidos e tão necessitados deste alimento. (BRASIL, 2008).

Destaca-se que “O aleitamento materno é uma das maneiras mais eficientes de atender os aspectos nutricionais, imunológicos e psicológicos da criança em seu primeiro ano de vida, sendo uma prática natural e eficaz, que favorece o vínculo mãe-filho quando o ato de amamentar é bem vivenciado pelas mães. É um ato cujo sucesso depende de fatores históricos, sociais, culturais, e psicológicos da puérpera, depende de compromisso e conhecimento técnico-científico dos profissionais de saúde envolvidos na promoção, incentivo e do apoio ao aleitamento materno” (ALMEIDA, 2004). Neste contexto, o profissional de Enfermagem tem a função fundamental de conscientizar as mães acerca da relevância do aleitamento materno nos seis meses iniciais de vida do bebê, mostrando, quais são os benefícios: As bactérias benéficas existentes são essenciais para o desenvolvimento da flora bacteriana do bebê e do seu sistema imunológico; a amamentação traz efeito positivo nas relações entre mãe e filho, e facilita a interação do desenvolvimento cognitivo; a mãe produz anticorpos criados especificamente para proteger o bebê contra os patógenos adquiridos no seu entorno.

Assim, importante, anticorpos novos são criados quando se dá o contato da mãe com microrganismos considerados prejudiciais ou durante a amamentação feita pela mãe. A Enfermagem desenvolve um trabalho juntamente com a sociedade para prestar a correta assistência e no auxílio continuado, fazendo treinamentos durante o pré-natal, quando a função indispensável dos que atual no Programa de Saúde da Família, tem de ser a prevenção para não agravar o quadro ou contrair doenças. É importante destacar que é considerado aleitamento materno, conforme o autor: “Já o aleitamento materno exclusivo é o processo no qual o lactente recebe o leite materno de sua mãe ou nutriz ou leite materno extraído, sem o consumo de nenhum tipo de alimento ou líquido” (CARVALHO, 2011).

A proteção do leite materno contra mortes infantis é maior quanto menor é a criança. Assim, a mortalidade por doenças infecciosas é seis vezes maior em crianças menores de 2 meses não amamentadas, diminuindo à medida que a criança cresce, porém ainda é o dobro no segundo ano de vida. É preciso ressaltar também a importância da amamentação para a mãe. A amamentação resulta em benefícios para a saúde reprodutiva da mulher. O profissional que atua na rede básica de saúde, tanto no hospital quanto em ambulatório, recebe um número muito diversificado de problemas de saúde, assim, precisa estar preparado para que possa orientar as mulheres no pós-parto, reforçando que a presença do aleitamento materno, tendo em mente a necessidade não só de transmitir e repassar conhecimentos científicos, mas também sensibilizar, pela arte da profissão, as mães quanto ao aleitamento materno. A atuação de todos os profissionais da saúde é fundamental, destacando-se que a enfermagem possui uma filosofia de assistir e de educar, permitindo possibilidades de ser valorizar o seu trabalho. O trabalho do enfermeiro, buscando a promoção do incentivo à amamentação, precisa da

ajuda e da influência de outros fatores. Ações sistemáticas da enfermagem são fundamentais para a garantia de tarefas específicas e notáveis do grupo profissional, deixando claro para a mãe os cuidados que precisa ter depois do parto tanto com recém-nascido como consigo mesmo, numa nova readaptação da realidade. Ao enfermeiro cabe o estímulo ao aleitamento materno como também a busca da saúde do bebê nesses seis primeiros meses de vida. É preciso destacar que o enfermeiro avalia o progresso da paciente na obtenção dos resultados e assim é possível reconhecer os fatores e estabelecer os cuidados necessários, os riscos e as condutas para cada caso (FILHO, 2011).

#### IV. Conclusão

O papel da enfermagem na promoção e apoio ao aleitamento materno é crucial, desde o pré-natal até o pós-parto, fornecendo orientação, suporte e educação às mães. É essencial que os profissionais de saúde e a sociedade em geral reconheçam os benefícios do aleitamento materno e trabalhem juntos para garantir que as mães tenham todas as informações e recursos necessários para amamentar com sucesso. Portanto, a amamentação é mais do que apenas um ato de nutrição; é um gesto de amor e cuidado que contribui significativamente para a saúde e o bem-estar das crianças e de suas mães. É um investimento no futuro, promovendo uma base sólida para o crescimento saudável e o desenvolvimento integral das crianças.

#### Referências

- [1]. Albernaz, E. P.; Menezes, A. M.; Cesar, J. A. Fatores De Risco Associados À Hospitalização Por Bronquiolite Aguda No Período Pós-Natal. *Rev. Saúde Pública*, [S.L.], V. 37, P. 37, 2003.
- [2]. Almeida, N. A. M.; Fernandes, A. G.; Araújo, C. G. Aleitamento Materno: Uma Abordagem Sobre O Papel Do Enfermeiro No Pós-Parto, Goiás. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, V.6, N.3, P.3583-67, 2004.
- [3]. Almeida, I. S. Amamentação Para Mães Primíparas: Perspectivas E Intencionalidade Do Enfermeiro Ao Orientar. *Cogitare Enferm.* V. 15, N. 1, P.19-25, 2010.
- [4]. Amorim, M. M.; Andrade, E. R. Atuação Do Enfermeiro No Psf Sobre Aleitamento Materno. *Perspectiva Online*, Rio De Janeiro V. 3, N. 9, 2009.
- [5]. Araujo, R. M. A.; Almeida, J. A. G. De. Aleitamento Materno; O Desafio De Compreender A Vivência. *Rev. Nutr.*, Campinas, V. 20, N. 4, P. 431- 438, 2007.
- [6]. Barreira, S. M. C.; Machado, M. F. A. S. Amamentação: Compreendendo A Influência Do Familiar. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, Maringá, V. 26, N. 1, P. 11-20, 2004.
- [7]. Brasil. Ministério Da Saúde. Secretaria De Atenção Básica. Agenda De Compromisso Para A Saúde Integral Da Criança E Redução Da Mortalidade Infantil. Brasília: Ms, 2002.
- [8]. \_\_\_\_\_. Federação Brasileira Das Sociedades De Ginecologia E Obstetrícia – Febrasgo. Associação Brasileira De Obstetizes E Enfermeiras Obstetras – Abenfo. Parto, Aborto E Puerpério: Assistência Humanizada A Mulher. Brasília: Ministério Da Saúde, 2003.
- [9]. \_\_\_\_\_. Pré-Natal E Puerpério: Atenção Qualificada E Humanizada - Manual Técnico/Ministério Da Saúde, Secretaria De Atenção À Saúde, Departamento De Ações Programáticas Estratégica – Brasília: Ministério Da Saúde, 2006. Série A. Normas E Manuais Técnicos.
- [10]. \_\_\_\_\_. Aumento Da Licença Maternidade Para 180 Dias – Lei 11.770/2008. Brasília, 2008.
- [11]. \_\_\_\_\_. Ministério Da Saúde. Secretaria De Atenção À Saúde. Departamento De Atenção Básica. Saúde Da Criança: Nutrição Infantil: Aleitamento Materno E Alimentação Complementar. Brasília, 2009. (Cadernos De Atenção Básica) (Série A. Normas E Manuais Técnicos).
- [12]. Carvalho, J. K. M. De; Carvalho, C. G.; Magalhães, S. R. A Importância Da Assistência Da Enfermagem No Aleitamento Materno. *E-Scienta*, Belo Horizonte, V. 4, N. 2, P. 38, 2011.
- [13]. Carrascoza, K. C. Análise De Variáveis Biopsicossociais Relacionadas Ao Desmame Precoce. *Paidéia*. V. 15, N. 30, P. 93-104, 2005.
- [14]. Filho, M. D. De S.; Neto, P. N. T. G.; Martins, M. Do C. De C. Avaliação Dos Problemas Relacionados Ao Aleitamento Materno A Partir Do Olhar Da Enfermagem. *Cogitare Enferm.* V.16, N.1, P. 70, 2011.
- [15]. Gallo, P.R. Motivação De Gestantes Para O Aleitamento Materno. *Revista De Nutrição*, Campinas, 2008.
- [16]. Galvão, D.G. Formação Em Aleitamento Materno E Suas Repercussões Na Prática Clínica. *Revista Brasileira De Enfermagem – Reben*, Brasília, V.64, N.2, P.308- 314, 2011.
- [17]. Giugliani, E. R. J. O Aleitamento Materno Na Prática Clínica. *Jornal De Pediatria*. V. 76, Supl. 3, P. 238-252, 2000.
- [18]. Giugliani, E. R. J. ; Lamounier, J. A. Aleitamento Materno: Uma Contribuição Científica Para A Prática Do Profissional De Saúde. *Jornal De Pediatria* Novembro De 2004; V.80 P.117-118.1.
- [19]. Oliveira, Arlei Von Randow; Hibiner, Roseane Arruda. Ações De Enfermagem Na Prevenção Do Desmame Precoce. *Rev. Edu. Meio Amb. E Saúde*. V.3, N.1, 117-136 São Paulo, 2008.
- [20]. Queiroz, L. A.; Sepúlveda, S. C. F.; Zoboli, E. L. C. P.; Maeda, S. T.; Brites, P. R.; Campos, C. M. S. A Visita Domiciliária Sob O Enfoque Do Acolhimento E Sua Interface Com A Abordagem Do Desmame Precoce No Programa De Saúde Da Família. *Relato De Experiência*. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, V. 5 N. 2 P. 78–82, 2005.
- [21]. Rea, M. F. Os Benefícios Da Amamentação Para A Saúde Da Mulher. *Jornal De Pediatria* - V. 80, N. 5, P. 36, 2004.
- [22]. Silva, I. A. Enfermagem E Aleitamento Materno: Combinando Práticas Seculares. *Revista De Escola Paulista De Enfermagem*. V. 34, N. 4,P. 362-369, 2000.
- [23]. Souza, K. V. A Consulta Puerperal: Demandas De Mulheres Na Perspectiva Das Necessidades Sociais Em Saúde. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, Porto Alegre, V. 29, N. 2, P. 175-181, 2008.
- [24]. World Health Organization (Who). Collaborative Study Team On The Role Of Breastfeeding On The Prevention Of Infant Mortality. Effect Of Breastfeeding On Infant And Child Mortality Due To Infectious Diseases In Less Developed Countries: A Pooled Analysis. *Lancet*, [S.L.], V. 355, P. 451-5, 2000.